

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Departamento de Antropologia e Arqueologia**  
**Curso de Bacharelado em Antropologia**  
**Linha de formação em Antropologia Social e Cultural**



Trabalho de Conclusão de Curso

**ENTRE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO:**

Participação Observante no Programa de Tutorias Acadêmicas NAI UFPel

Felipe Severo Sabedra Sousa

Pelotas, 2018

**Felipe Severo Sabedra Sousa**

**ENTRE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO:**

Participação Observante no Programa de Tutorias Acadêmicas NAI UFPel

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia com linha de formação em Antropologia Social e Cultural.

Orientadora: Dra. Claudia Turra Magni

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

S725e Sousa, Felipe Severo Sabedra

Entre acessibilidade e inclusão : participação observante no Programa de Tutorias Acadêmicas NAI UFPel / Felipe Severo Sabedra Sousa ; Claudia Turra Magni, orientadora. — Pelotas, 2018.

41 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia - Antropologia Social e Cultural ou Arqueologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Deficiência. 2. Acessibilidade. 3. Inclusão. 4. Desenho. 5. Participação-observante. I. Magni, Claudia Turra, orient. II. Título.

CDD : 306

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

**Felipe Severo Sabedra Sousa**

**ENTRE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO:**

Participação Observante no Programa de Tutorias Acadêmicas NAI UFPel

**Data da defesa: 18/12/2018**

**Banca examinadora:**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudia Turra Magni (Orientadora)

Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriane Luisa Rodolpho

Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales.

---

Prof<sup>a</sup>. Mr<sup>a</sup>. Patrícia Postali Cruz

Mestra em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Brasil

---

As duas pessoas com quem  
compreendi a dor da saudade:  
minha avó Genessi e minha tia Ana  
(*in memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais, Jeferson e Marília, por terem me proporcionado o meu ensino, estarem sempre me apoiando em todas as minhas decisões, estarem ao meu lado durante as incertezas e conquistas. Nada disso teria sido possível sem vocês!

A minha irmã, Fernanda, por todo o companheirismo, amizade, por me divertir nas horas difíceis, por compartilhar suas experiências, por ser meu “porto seguro”, pelos conselhos e por estar sempre ao meu lado;

A minha namorada, Nathalie, por sempre estar presente, me apoiando, incentivando, aprendendo e crescendo sempre juntos, com quem posso compartilhar minhas experiências, sem julgamentos.

Aos meus avôs, João e Vani e a minha avó Terezinha por sempre estarem presentes em todas as horas, ajudando e contribuindo para o meu crescimento;

A minha orientadora Claudia, por ter me dado a oportunidade de fazer parte do seu grupo de pesquisa, por acreditar em mim, me dar força, por sempre compartilhar seus ensinamentos com muito carinho, me incentivar, escutar, apresentar trabalhos, me dar a oportunidade de compreender a Antropologia, dentre outras tantas coisas que fez por mim. Muito obrigada por tudo, sem a tua dedicação nada disso estaria acontecendo;

A minha querida Professora Adriane, por sempre ter disponibilidade de me ajudar, orientar durante as monitorias, auxiliar durante as dificuldades do curso e contribuir com as suas experiências para minha formação, muito obrigada;

A querida Patrícia, antes colega e agora professora por sempre me auxiliar nas dinâmicas em sala de aula, compreender meus anseios, e auxiliar com seus conselhos e conhecimentos durante essa etapa de minha trajetória.

As minhas colegas de curso - Fabiola, Milena, Estefani - por toda amizade, companheirismo, por todo o apoio, felicidade, ajuda, que tivemos a oportunidade de compartilhar, e se não fosse por elas, não chegaria à essa nova etapa. Obrigada por estarem presentes na minha vida, e também agradeço pelo apoio dos demais colegas e amigos que caminharam juntos, sendo difícil citar todos, mas desejo que eles saibam que levo um pouco de cada um comigo.

Um muito obrigado para minha colega, amiga, parceira de todas as horas, Priscila, por dividir experiências únicas, auxiliar em todos os momentos, ouvir minhas queixas e sempre estar presente, nos bons e maus momentos, principalmente para dar risada - e isso fazemos muito bem!

Agradeço à Marta e Tamires pela amizade, parceria e confiança. Sem elas, nada disso seria possível!

Aos meus amigos e amigas de Bagé, por sempre dividirem os bons e maus momentos comigo, por me escutarem, por estarem presentes em todas as fazes da minha vida. Valeu pelo apoio, ajuda e amizade!!!;

Ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som – LEPPAIS – onde me senti acolhido durante minha trajetória acadêmica, e ao grupo de pesquisa ANTROPOÉTICAS e ao grupo do projeto NOSOTROS, por sempre estarem dispostos a me ajudar, ensinar e aprender, agradeço pela parceria;

Por fim, não menos importante, agradeço a todas as pessoas envolvidas com o NAI - principalmente à Susane - por me auxiliar a trilhar o caminho da Acessibilidade e da Inclusão, compreender meus anseios, auxiliar em momentos difíceis e me acompanhar durante todo o percurso deste trabalho.

*“Nunca desistir,  
erguer depois de cair,  
sorrir depois de falhar e  
tentar até acertar!”*

## Resumo

SOUSA, Felipe Severo Sabedra. **ENTRE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO: Participação Observante do Programa de Tutorias Acadêmicas NAI UFPel.** 41f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia Social com linha de formação em Antropologia Social e Cultural) – Departamento de Antropologia e Arqueologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Este Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Antropologia, propõe uma reflexão sobre o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da Universidade Federal de Pelotas-RS, tomando como objeto de investigação o Programa de Tutorias Acadêmicas e, mais precisamente, a perspectiva dos/as tutores/as e do Núcleo a respeito dos desafios de suas atuações junto aos estudantes deficientes. Considerando minha condição de integrante deste Programa de Tutorias, tomo as reuniões de formação promovidas pelo NAI como parte de meu trabalho de campo, alterando a ênfase, ora na participação, ora na observação – técnicas indissociáveis e próprias ao método etnográfico. Para constituir meus dados empíricos e refletir sobre as potencialidades da pesquisa, recorro ainda à etnografia virtual e à produção de desenhos no âmbito da Antropologia.

Palavras-chave: deficiência; acessibilidade; inclusão; desenho; participação-observante; antropologia-visual.

## ABSTRACT

SOUSA, Felipe Severo Sabedra. **Between accessibility and Inclusion: Observer Participation of NAI UFPel Academic Tutoring program.** 41f. Conclusion work (Degree in Anthropology Social with training in Social and Cultural Anthropology) – Departamento de Antropologia e Arqueologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

This work to conclude the course of the Bachelor of Anthropology, proposes a reflection on the center of Accessibility and Inclusion (NAI) of the Universidade Federal de Pelotas-RS, taking as the object of investigation the academic tutoring program and, more precisely, the perspective of the tutors and the nucleus regarding the challenges of their performances with disabled students. Considering my condition as a member of this program of Tutorships, I take the training meetings promoted by NAI as part of my fieldwork, altering the emphasis, sometimes in participation, sometimes in observation – inseparable techniques and proper to the method Ethnographic. To constitute my empirical data and reflect on the potential of the research, I also use the virtual ethnography and the production of drawings in the field of anthropology.

Palavras-chave: disability; accessibility; inclusion; drawing; participation-observant; visual- anthropology.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema de organização de inclusão e diversidade da UFPel.....	19
Figura 3 – Desenho da reunião de formação de tutores acadêmicos.....	32
Figura 2 – Desenho de conversa com interlocutoras.....	33
Figura 4 – Desenho da fachada do NAI.....	34

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CID	Coordenação de Inclusão e Diversidade
CONAI	Comissão de Apoio ao NAI
ICH	Instituto de Ciências Humanas
IFES	Institutos Federais de Ensino Superior
LEAA	Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais
LEPPAIS	Laboratório de Ensino Pesquisa e Extensão em Antropologia da Imagem e do Som
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MEC	Ministério da Educação
NAI	Núcleo de Acessibilidade e Inclusão
NUGEN	Núcleo de Gênero e Diversidade
SAEE	Sessão de Atendimento Educacional e Especializado
SIIEPE	Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão
TILS	Sessão de tradutores e Interpretes de LIBRAS
UFPel	Universidade Federal de Pelotas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPITULO 1 - Deficiência no Ensino Superior: uma inclusão que não pertence a todos.....</b>	<b>18</b>
<b>1.1 Trajetória e interesse pela Acessibilidade e Inclusão .....</b>	<b>18</b>
<b>1.2. NAI/UFPeI: entrada em campo por meio virtual .....</b>	<b>19</b>
<b>1.3 Programa de Tutorias Acadêmicas: entrada em campo por meio     presencial.....</b>	<b>22</b>
<b>CAPITULO 2 - Acesso ao Programa de Tutorias Acadêmicas .....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 Reuniões para Formação de Tutoras e Tutores Acadêmicos.....</b>	<b>25</b>
<b>2.2- Tutoras e Tutores “são o NAI” .....</b>	<b>29</b>
<b>CAPITULO 3 - O Ato de Desenhar e Refletir.....</b>	<b>33</b>
<b>3.1 A Relação entre Desenho e Campo etnográfico: .....</b>	<b>34</b>
<b>3.2 O Poder de Desnaturalizar do Desenho.....</b>	<b>38</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

A comunidade formada por pessoas com deficiência passou a me instigar quando participei das aulas de LIBRAS I do curso de Tecnólogo em Gastronomia. Sem compreender do que se tratava ao certo, realizei uma pesquisa básica no *Google* a partir das palavras-chave: acessibilidade e inclusão. A primeira resposta encaminha para um site denominado *Wikipédia*<sup>1</sup>, que refere acessibilidade como acesso a um lugar ou a um conjunto deles, para permitir que pessoas com deficiência participem de atividades que incluem o uso de produtos, serviços e informação, mas também que incluam e estendam o uso dessas facilidades por todas as parcelas da população, eliminando barreiras, permitindo acesso a todo e qualquer material produzido em áudio ou vídeos, adaptando todos os meios que a tecnologia permite.

Esta primeira aproximação geral da temática da deficiência, no início de 2018, levou a aproximar-me do Núcleo de Acessibilidade<sup>2</sup> e Inclusão<sup>3</sup> -NAI da UFPel, com o objetivo de fazer parte de sua equipe de colaboradores. Fui convidado para integrar o Programa de Tutoria entre Pares do NAI e ter uma experiência maior sobre a importância da política de acessibilidade e inclusão na Universidade. Esta vivência inspirou a realização do meu Trabalho de Conclusão de Curso no Bacharelado em Antropologia sobre o tema da deficiência.

---

<sup>1</sup> Acessível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Acessibilidade>

<sup>2</sup> Conforme a Lei nº 10.098/ 2000, Acessibilidade é possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, por pessoas deficientes ou com mobilidade reduzida.

<sup>3</sup> Segundo a Lei Brasileira de Inclusão 13.146/2015, ela destina-se a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Nesta pesquisa, apoio-me em Débora Diniz (2007) para tratar este conceito de forma complexa, considerando que a sociedade reconhece no corpo com lesão a estrutura social que oprime a pessoa deficiente. Deficiência refere-se, assim, a um mecanismo de identidade contrastante, que não deve ser compreendido como um problema individual, mas como uma questão social. A expressão “pessoa com deficiência” sugere que a deficiência é propriedade dos indivíduos e não da sociedade. Diversamente, a expressão “pessoa deficiente” demonstra que esse indivíduo a possui como parte constitutiva da sua identidade social.

A pesquisa foi realizada no universo do Programa de Tutoria entre Pares do NAI/UFPel, com objetivo geral de compreender os processos sociais constitutivos das tutorias entre pares, as mediações promovidas pelo NAI e as interações com tutorandos/as nas perspectivas dos/as tutores/as.

Apesar de considerar o protagonismo das pessoas deficientes no tema em questão, não pretendo, neste momento, tratar da perspectiva dos estudantes tutorados. Por questões de ordem ética, não utilizo seus relatos, nem comento suas características, visto tratarem-se de informações de caráter confidencial do NAI que poderiam comprometer suas identidades e expor suas intimidades.

Realizei a pesquisa com base no método etnográfico através da observação e da participação - com maior ou menor intensidade em um desses polos, conforme o contexto. Aqui compreendo observação participante a partir das indicações de Tim Ingold (2016), como uma contemplação do ato e palavra, compreendendo o mundo pelo próprio desenvolvimento e formação, relacionando dentro das várias facetas do campo antropológico, a importância de se compreender a natureza das experiências do grupo. A participação mais intensa, ou participação observante, de acordo com Aaron Cicourel (1980) possui a vantagem de expor mais o observador, tanto à rotina, quanto às atividades do grupo pesquisado.

Atento ainda para o fato da etnografia constituir um saber “situado”, indissociável de minha tripla condição nesta pesquisa: de aluno do Bacharelado em Antropologia, tutor do Programa em questão e investigador do

tema, alternando sua atuação em campo, ora com ênfase na participação, ora na observação.

Além do trabalho de campo presencial, acompanhando reuniões de formação para tutores e tutoras do NAI, realizei parte de meu trabalho de campo no universo da WEB. Apoiado nas contribuições de Rifiotis (2012) sobre etnografia virtual, servi-me da WEB para comunicar-me através de e-mails recebidos do NAI como tutor acadêmico e consultar seu site, que permitiu compreender mais sobre o NAI, precisar suas informações institucionais e seu funcionamento, identificar seu modo de agir perante a demanda da Universidade.

Os encontros de tutorias do NAI são mensais, e tomarei aqueles realizados entre os meses de agosto e de setembro como referência para a etnografia. Participaram de cada reunião, oito tutores/as e essas ocasiões foram propícias para servir-me da técnica de Grupo Focal, conforme Ceres V´ictora (2011), como meio de coleta de dados qualitativos. Enquanto pesquisador, inserido dentro do programa de tutorias, apresento os encontros a partir da perspectiva de minhas interlocutoras privilegiadas: as estudantes Marta e Tamires, e a servidora técnico-administrativa do NAI, Susane.

Para as anotações nos diários de campo foram utilizadas as concepções teórico-metodológicas de Roberto Cardoso de Oliveira (1996) sobre o olhar, ouvir e escrever. Entendo que o objeto de estudo sobre o qual foquei o olhar foi previamente alterado pela domesticação teórica do observar, e que os atos de ouvir e escrever em campo se tornam seletivos, já que detenho a maior parte dos interesses em compreender as dinâmicas relacionais tratadas nesses ambientes.

Além do diário de campo, também recorri ao diário gráfico durante a pesquisa. Tal como Karina Kuschnir (2014), entendo que ele qualifica a observação participante, com vistas a perceber, analisar e demonstrar detalhes do campo de pesquisa não vistos apressadamente. Através do desenho, não busquei uma relação mimética e realista com seus referentes. Procuro, em vez disso, ressaltar seu caráter construtivo, expressivo e criador, capaz de permitir

ao pesquisador desnaturalizar o objeto de investigação e conseqüentemente, promover o estranhamento do universo de pesquisa.

Seguindo o conselho de Susane, uma de minhas interlocutoras durante a pesquisa, para tornar o trabalho Inclusivo coloquei nas legendas dos desenhos uma descrição de como foram confeccionados e suas características, para pessoas com deficiências visuais consigam compreender o que está desenhado e a sua representação para este trabalho.

Situo, finalmente, esta pesquisa, nas interfaces da Antropologia da Educação, Antropologia Virtual e Antropologia Visual - mais especificamente, Antropologia do Desenho- que me forneceram subsídios para refletir etnograficamente, sobre o Programa de Tutoria Acadêmica entre Pares do NAI.

O texto está estruturado em três capítulos:

No capítulo um, apresento o modo como a questão da deficiência apresentou-se, desde cedo, em minha trajetória de vida e explico o interesse em participar Núcleo de Acessibilidade e Inclusão durante minha formação acadêmica.

A partir do suporte a Etnografia Virtual, apresento a legislação vigente sobre Acessibilidade e sua implementação na UFPel, assim como o Programa de Tutorias Acadêmicas entre Pares, encerrando o capítulo com minha entrada no NAI.

O segundo capítulo compreende a minha forma de inserção em campo, através das técnicas de participação observante e de Grupo Focal em duas reuniões de formação para tutores/as NAI.

No capítulo três, apresento as potencialidades do desenho no encontro etnográfico, sobretudo no que tange à possibilidade teórico-metodológica de torna-los mais simétricos e amistosos.

A conclusão retoma as principais ideias desenvolvidas nos três capítulos, enfatizando a importância do Programa de Tutoria Acadêmicas NAI perante a UFPel, e as potencialidades da utilização de desenho para a etnografia.

## **CAPITULO 1**

### **Deficiência no Ensino Superior: uma inclusão que não pertence a todos**

#### **1.1 Trajetória e interesse pela Acessibilidade e Inclusão:**

O interesse pela acessibilidade e inclusão de pessoas deficientes sempre andou ao meu lado. Me recordo, nas séries iniciais em meados 2004, de ser colega e amigo de uma menina com deficiência auditiva. A professora nos ensinou LIBRAS para nos comunicarmos com ela. Lembro-me de suas dificuldades comunicacionais e de aprendizado. Eu utilizava desenhos que facilitavam nossa comunicação. A professora, notando nossa amizade, sempre nos colocava juntos para realizar as atividades e aprendermos um com o outro, visto que a escola em que estudávamos não possuía uma professora especializada para auxiliá-la na sala de aula. Acredito que em 2007 deixamos de nos ver, já que sua mudança de escola afetou a nossa amizade.

Em 2015 quando entrei no curso de Bacharelado em Antropologia na UFPel, inseri-me no Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais (LEAA), no âmbito do Projeto Saberes e Sabores da Colônia, coordenado pela Profa. Dra. Renata Menasche. Visando trabalhar na restituição das pesquisas relacionada ao Projeto, fui encaminhado para a disciplina de Antropologia da Imagem e do Som, ministrada pela Profa. Dra. Claudia Turra Magni, minha presente orientadora, e me encantei pela sua forma de ensinar e aprender com o outro, bem como com as potencialidades da utilização de imagem para Antropologia.

Em 2016/01, recebi um convite de Claudia para participar da Oficina de Desenho no Laboratório de Ensino Pesquisa e Extensão em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS), ministrada pela Profa. Me. Vivian Herzog, do Centro de Artes da UFPel. Meu encantamento pelo desenho se transformou

em método de pesquisa e assim realizei dois trabalhos para apresentar nos Congressos de Ensino em Graduação da UFPel, em 2016 e 2017.

Os ensinamentos de Vivian e Claudia uniram-se em perfeita harmonia, instigando-me a explorar o desenho antropológico em diversas disciplinas principalmente para as disciplinas de Antropologia da Religião I e II ministradas pela Prof. Dra. Adriane Rodolpho as quais fui monitor. A partir da observação participante instigada pelas disciplinas, realizei diversos exercícios gráficos: na Catedral Metropolitana São Francisco de Paula em Pelotas, no Centro Espirita Jesus, entre outros, visando compreender as relações sociais e ambientais que pude perceber nestas locais.

Em 2016/02, me inscrevi para a disciplina de LIBRAS I, ministrada pela Profa. Dra. Tatiana Lebedeff, no curso de Tecnólogo em Gastronomia. Tatiana é especialista em deficiência e LIBRAS, e sua experiência na área era percebida durante a disciplina. Ela ensinou o básico de LIBRAS e como se comunicar com uma pessoa surda, além de mostrar, por diversos casos, como as pessoas estavam despreparadas para lidar com a comunidade surda. Neste contexto, ela apresentou rapidamente o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFPel, e o Programa de Tutorias Acadêmicas, sobre o qual me interessei muito. Foi esta trajetória pessoal a acadêmica que me conduziu à temática da acessibilidade e inclusão, sobre a qual versa esta etnografia.

## **1.2. NAI/UFPel: entrada em campo por meio virtual**

Seguindo os conceitos de Cláudia Ferraz e André Porto (2017) a etnografia virtual demonstra a entrada ao campo de pesquisa de maneira preliminar, para selecionar dados, garantindo a observação e o contato como base preliminar, na busca online como primeira fonte para a maioria dos objetos de estudos.

Curioso com o modo de funcionamento do NAI, busquei compreender seu papel institucional na UFPel, através de consulta em seu site. Verifiquei que seu princípio norteador se baseia nas leis 12.711/2012 e, posteriormente,

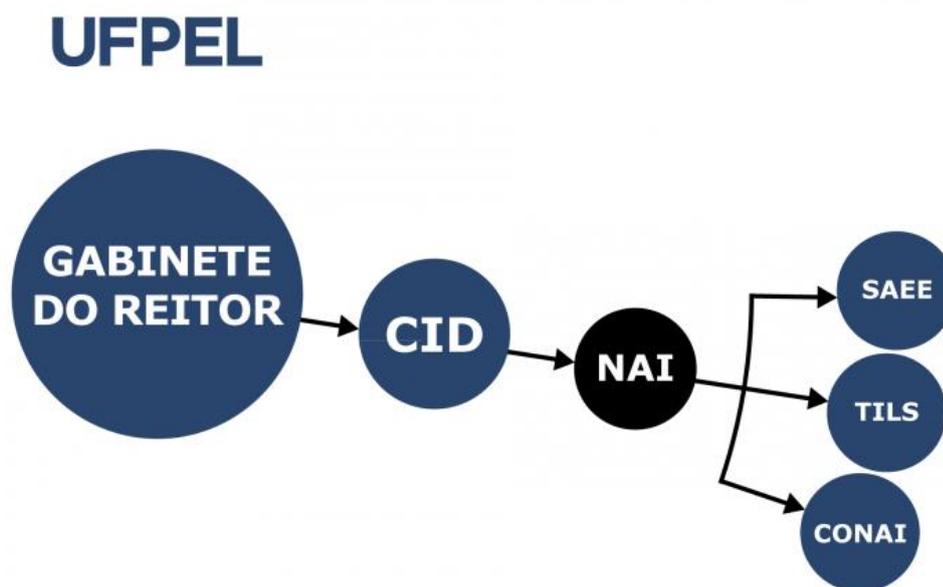
13.409/2016 do governo federal, que visam a inclusão qualificada de todos/as à universidade.

Conforme recomendam Miller e Slater (2004), desenvolvo a etnografia on-line e off-line, não com base numa premissa simplista ou dogmática, atentei para a importância de prestar atenção constante às relações entre atividades on-line e off-line, buscando a compreensão das relações traçadas entre estes dois “mundos”.

O Núcleo iniciou suas atividades na Universidade Federal de Pelotas em 2008, através do Ministério da Educação, por intermédio do Programa de Acessibilidade na Educação Superior. Denominado “Incluir”, propõe ações que garantam o acesso pleno de pessoas com deficiência às Instituições Federais de Ensino Superior (IFES).

É possível analisar a aplicação destas leis segundo Fagner Carniel (2018), como uma reparação do sistema de ensino utilizado ao longo dos séculos XX e XXI, em que a luta e demandas de deficientes, foram lentamente atendidas e institucionalizadas, embora ainda insuficientes para estancamento completo das dificuldades de alunos e alunas excluídos.

Ao estudar o site do NAI, observei que sua implementação está ligada diretamente ao Gabinete do Reitor da Universidade, como ocorre na ligação hierárquica entre os diversos setores da UFPel (FIGURA 1), o que auxilia a compreender a sua importância perante a instituição.



*Figura 1- Esquema de organização de inclusão e diversidade da UFPel: em de bolas azuis, e com a utilização de setas, e utilizando ordem hierárquica, o primeiro lugar permanece o Gabinete do Reitor, a coordenação de inclusão e diversidade, o NAI, que se subdivide em três partes; Seção dos tradutores e Interpretes de Libras, Seção de Atendimento Educacional especial e Comissão de Apoio ao NAI. Fonte: <https://wp.ufpel.edu.br/nai/organograma/>*

Conforme imagem 1, percebe-se que o NAI está dividido em três setores, para atendimento dos estudantes:

- SAAE – Seção de Atendimento Educacional Especializado: responsável pela avaliação, planejamento, assessoramento e acompanhamento do processo de inclusão;

- TILS - Tradutores e intérpretes de Libras: auxilia em traduções, e aplicações de LIBRAS na Universidade, do qual a Profa. Tatiana, faz parte;

- CONAI - Comissão de Apoio ao NAI: tem caráter consultivo; assessora e garante suporte técnico e operacional ao NAI.

A relação entre os setores é passível de análise sobre o texto de Neusa Gusmão (1997), em que relata sobre a interface entre Antropologia e Educação, e sobre o fato dela abrir um espaço para debate, reflexão e intervenção. A autora discorre sobre as implicações e efeitos acerca do

reconhecimento da diferença cultural, étnica e de gênero, assim como dos sucessos e insucessos do sistema de ensino face a uma ordem social em mudança. Nesse sentido, destaca como os fundamentos e objetivos da Antropologia estiveram presentes nesses processos de afirmação desta política de inclusão, no passado e no presente, visando o reconhecimento das diferenças e das práticas educacionais.

### **1.3 Programa de Tutorias Acadêmicas: entrada em campo por meio presencial:**

Durante a pesquisa no site do NAI, conheci melhor o Programa de Tutorias Acadêmicas e sua iniciativa de oportunizar apoio, suporte e auxílio aos estudos e às aprendizagens acadêmicas aos acadêmicos da UFPel com deficiência ou com transtorno do Espectro do Autismo.

A análise de Emma Ford (2016) sobre os benefícios com aplicações de novas leis para mudanças educacionais, informam como, frequentemente, a implementação desta política de acessibilidade impacta em diversos órgãos, escolas, faculdades, professores e alunos em geral, o que me ajudou a pensar em como as formas de adaptação da educação permite qualificar, ensinar e aprender com o outro.

O programa de tutorias é uma das ações previstas pelo SAEE, com vistas ao acompanhamento dos acadêmicos tutorados em suas atividades curriculares e extracurriculares, em estudos sistematizados, na utilização de tecnologias assistivas e na organização do acadêmico assistido. Essa tutoria ocorre em duplas ou pares, envolvendo o acadêmico tutor, veterano no curso de graduação, e o acadêmico tutorado, calouro no curso de graduação a que está vinculado.

Tutores/as realizam as tutorias por 20 horas semanais junto ao seu acadêmico(a) tutorado(a), buscando, em seus encontros, nos espaços da instituição, o desenvolvimento, a organização e a sistematização do estudo. Ambos devem ainda primar pela participação em atividades de natureza artística, científica, política e cultural da UFPel.

O Programa de Tutorias Acadêmicas NAI, condiz com as novas formas de Acessibilidade e Inclusão que, conforme Fagner Carniel (2018), emergem da necessidade de encontrar meios inclusivos de assegurar, não apenas a presença, mas também a participação dos mais diversos grupos na comunidade estudantil, bem como a promoção de sua autonomia e autodeterminação.

Segundo Sartori (2015) as experiências acumuladas ao longo da vida, no sentido amplo que a empregamos (mas não somente elas), são as propulsoras para nos envolvermos nos processos de conhecimento, mesmo que, mais tarde, outros elementos possam ser propostos para sua compreensão.

Assim, um ano após a disciplina de LIBRAS, ocorrida no início do primeiro semestre letivo de 2018, fui ao NAI para conhecer mais sobre sua dinâmica, aventando a possibilidade de entrar em seu grupo de colaboradores. Conheci Susane, a servidora técnico-administrativa, que me recebeu com muita simpatia e mostrou-me todas as vertentes do Núcleo, convidando-me, logo após, para participar do Programa de Tutorias Acadêmicas entre pares. Explicou-me seu funcionamento e questionou se eu teria interesse em participar como voluntário. Após alguns meses como tutor, comecei a compreender e participar das dinâmicas que se aplicavam ao programa e comparecer, mensalmente, às reuniões de formação de tutores. A troca de experiências e vivências com este coletivo ao longo do ano de 2018 é que motiva este relato etnográfico.

## CAPITULO 2

### **Acesso ao Programa de Tutorias Acadêmicas**

Nesta pesquisa, como explicado na introdução, ocupo a tripla posição de *aluno* da UFPel, *observador participante* do meu campo etnográfico no universo do NAI e participante do Programa de Tutorias Acadêmicas. Neste sentido, é importante explicitar minha condição de “objeto” e “sujeito” da pesquisa, visto que meu recorte temático, repito, concerne os processos sociais constitutivos das tutorias entre pares, assim como as mediações promovidas pelo NAI nas relações dos tutores com as pessoas deficientes.

Mais do que a consagrada técnica de observação participante, cunhada por Malinowski (1984), na qual o pesquisador caracteriza-se pela preocupação em levar a complexidade da natureza humana enquanto método, percebo que meu envolvimento como integrante do referido Programa implica numa experiência etnográfica marcada por uma participação observante. Seguindo Loïc Wacquant (2002) trata-se de uma forma de inserção em campo, em que o observador que descreve insere-se, ele próprio, como objeto e sujeito da observação. Além disso, ao lançar mão de longas passagens de seu caderno de campo, o autor simultaneamente impede-se de falar em nome dos outros e transforma a observação no ato de descrever, invertendo, assim a fórmula tradicional “observação participante” e tornando-a “participação observante”.

Concordo com James Clifford (2008) sobre a inserção de antropólogos/as em campo, onde sua experiência pode servir como uma fonte unificadora da autoridade em campo. O conceito de autoridade para ele está relacionado à experiência, baseada na “sensibilidade” sobre o contexto dos interlocutores. Trata-se de uma forma de conhecimento que não é possível se traduzir em palavras, um “sentido” de empatia com as comunidades pesquisadas, que acaba por ser incompleta, e não reveladora, devido ao seu modo de produção textual. Daí a importância da incorporação do desenho na pesquisa.

Nesta etnografia as reuniões de formação para tutores e tutoras foram espaços privilegiados para o desenvolvimento do trabalho de campo. Além de ponto de encontro entre as interlocuções desta pesquisa, estes momentos de trocas e reflexões das tutorias dão margem à explicitação de seus (nossos) anseios, às trocas de informações didáticas, aos desafios e busca de resoluções para os problemas cotidianos e existenciais enfrentados no cotidiano. Participando como tutor e observador, pude trocar experiências com meus/minhas colegas e com profissionais do NAI, mas também registrar dados em meu diário de campo e diário gráfico.

Para melhor compreensão dos espaços e vivências de minha participação nas reuniões, além do registro textual, incorporei desenhos ao diário de campo. Acredito que sua utilização me permitiu desnaturalizar o olhar sobre o universo empírico. Seguindo o argumento de Karina Kuschnir (2014), o que se prioriza no desenho é seu caráter construtivo, expressivo e criador, possível de ocorrer no encontro com o outro.

## **2.1 Reuniões para Formação de Tutoras e Tutores Acadêmicos:**

Detenho-me aqui nas duas primeiras reuniões de formação de tutores(as), realizadas no segundo semestre letivo de 2018, a primeira em agosto, e a outra em setembro, cujos objetivos foram de auxiliá-los em suas atividades. Normalmente somos em oito tutores/as, além de Susane, a servidora técnico administrativa.

A pequena sala do NAI não possui espaço suficiente para realização dessas reuniões, de modo que o NUGEN-Núcleo de Gênero e Identidade - cede sua sala para esta finalidade. A sala do NUGEN situa-se no Campus II do Instituto de Ciências Humanas. Devido à exiguidade deste espaço, as reuniões são realizadas em dois dias, fragmentando o grupo de tutores em duas sessões de duas horas cada, com início às 9:00 da manhã.

Susane (cerca de 35 anos) é uma mulher branca de cabelos escuros, sempre muito receptiva e simpática. Ela atende as questões didáticas dos tutores/as, com muita paciência, sempre buscando melhor solucionar os

conflitos decorrentes das Tutorias. Como representante do NAI, ela realiza a mediação nas reuniões, que são acompanhadas de café e bolachas para os tutores. As paredes do local são brancas, porém repletas de quadros que abordam a questão de gênero e identidade na Universidade. Na sala existe uma mesa com nove cadeiras, o que se torna pouco confortável para todos se sentarem, portanto alguns se sentam no sofá ao lado da mesa (FIGURA 2).

Susane é graduada em Ciências Sociais - Licenciatura e Bacharelado, e tem Especialização na área de Educação. Ela dá início às reuniões relatando sobre o Programa e sua importância, tanto no aspecto pessoal, quanto profissional de cada tutor/ra. Segundo ela, o Programa se torna um crescimento para vida pessoal e, portanto, uma oportunidade de amadurecimento, já que, enquanto tutores NAI, é possível compreender realidades diferentes. Susane comenta que aprendeu muito, desde que começou a trabalhar no Núcleo.

Concordando com Miriam Ferrari e Marie Sekkel (2007) torna-se evidente, pela fala de Susane, que a educação inclusiva é realizada de forma coletiva e democrática, na qual todos os participantes são beneficiados e não gera efeitos adversos, tanto nos processos de aprendizagem, quanto nos de socialização.

As reuniões de formação de tutores e tutoras demonstram algumas características amplas sobre quem se interessa por questões de acessibilidade e inclusão dentro da Universidade, visto que, em sua maioria, são mulheres, de faixa etária entre 20 e 30 anos. O programa possui homens também, mas são minoria, e é possível observar que a maioria de tutores/as está em cursos de Ciências Humanas.

Acredito que dentro desta faixa etária se encontrem Marta e Tamires, que juntamente com Susane, são minhas interlocutoras nesta pesquisa. Marta, atualmente cursa Filosofia, porém já cursou Pedagogia. Ela é tutora há cerca de dois anos pelo NAI, já tendo tutorado diversas pessoas. Com seus cabelos pretos e curtos e cerca de 1,70m de altura, ela sempre me recepciona com um sorriso no rosto, possui algo referente a sua tutoria atual para me relatar, visto que já passou por diversos problemas referentes as tutorias nos anos

anteriores. Tamires cursa Engenharia Ambiental e Sanitária e entrou para a tutoria nesse semestre. Com seus olhos verdes, cabelos castanhos e compridos alourados nas pontas loiras e uma altura aproximada de 1,60m, ela é mais introvertida que Marta. No entanto, está sempre muito preocupada com o próximo e me procura para trocar experiências sobre as tutorias que realiza.

Eu (Felipe), Marte e Tamires conversamos muito, antes, durante e depois das reuniões de formações para tutores, para “trocar figurinhas”, como diz Marta, ou seja, intercambiar experiências, já que todos nós tutoramos estudantes com deficiência visual. É explicitado que o papel dos/as tutor/as é de identificar problemas específicos de aprendizagem que comprometam o percurso do acadêmico tutorado; acompanhar a preparação e desenvolvimento dos trabalhos realizados por eles, buscando melhorar seu desempenho acadêmico, minimizando barreiras atitudinais, pedagógicas e comunicacionais.

O NAI acompanha os/as acadêmicos/as tutores/as, auxiliando em complicações que decorrem da tutoria, bem como visa aprimorar sua formação acadêmica, desenvolvendo competências que proporcionem a compreensão dos processos de inclusão, aprendizagem, adaptação de recursos, acessibilidade e de tecnologia assistiva para pessoas com deficiência.

As tutorias, segundo Susane, mostram-se como um excelente método de crescimento cognitivo, pois caso os tutorados/as estejam no mesmo curso, esta torna-se uma excelente forma de assimilar os conteúdos referentes às disciplinas. Caso estejam em áreas diferentes, a tutoria torna-se oportunidade para troca de experiências, descobrimento de novos conteúdos e áreas do conhecimento, além de meio de entrarem em contato direto com o mundo da deficiência.

Com essas estratégias, são previstas as minimizações das dificuldades que conduzem à reprovação, desenvolvimento das atividades por parte dos acadêmicos tutorados deficientes, maior proximidade com o aluno para possível identificação de problemas acadêmicos e pessoais que possam estar interferindo em seus processos de aprendizagem e melhor desenvolvimento acadêmico através dos mecanismos oferecidos pela instituição (SOUSA; ANADON, 2018).

O fato de ser deficiente na UFPel é tema constante para as reuniões de formação, como explicita Susane, comentando sobre o contato com deficientes nas tutorias, e o modo como esse contato nos sensibiliza, já que essa sensibilidade reflete o fato do tutor ser consciente das dificuldades deste aluno/a na Universidade. O desenvolvimento da tutoria, segundo ela, passa pelo primado de contribuir para a autonomia deste acadêmico/a. Embora ela saliente que estudar pelo outro, fazer trabalhos pelo outro, não deva ser o papel do tutor, considera que é preferível cometer este tipo de erro do que ser insensível ao outro.

Retomo, aqui, o conceito de Débora Diniz (2007), apresentado inicialmente na introdução, acerca do termo deficiente, o qual levanta muitas questões referentes às certezas que lhe são atribuídas. É importante compreender que a expressão pessoa com deficiência identifica a deficiência como propriedade dos indivíduos e não como algo que concerne à sociedade como um todo, de modo relacional. Portanto, a designação “deficiente” demonstra que esse indivíduo possui a deficiência como parte constitutiva da sua identidade, mas não como característica principal dessa pessoa. Nesse sentido, deve haver um esforço no sentido de ela tornar-se autônoma como todas as outras pessoas.

Susane, quando fala de si mesma, é sempre com muito orgulho de sua trajetória. De origem humilde, ela trabalhava dois turnos para conseguir estudar, e mesmo com as adversidades, graduou-se em Ciências Sociais, Licenciatura e Bacharelado, e concluiu Mestrado na área de Educação. Ela ingressou na UFPel por intermédio de concurso público, e foi direcionada ao NAI em 2016, devido a sua formação.

Eu e Susane temos uma empatia muito grande um pelo outro, isso permite que nossas conversas sejam fluidas e divertidas. Por mais que tenham um caráter sério, nossa relação é descontraída. Agora em 2018, realizamos um resumo expandido para o SIIPE, sobre o Programa de Tutorias Acadêmicas - proximidade essa que me deu a segurança para solicitar-lhe ser minha interlocutora na pesquisa. Ela aceitou, mas para garantir a formalidade e permitir que eu utilizasse os dados obtidos nas reuniões de formação para Tutores/as, sem necessitar passar pelo conselho de ética da Universidade, ela

solicitou-me um documento elucidativo das intenções de pesquisa, para que pudesse assinar e deixar tal autorização armazenada no NAI.

Além das conversas após as reuniões de formação de Tutores (FIGURA 3), comunico-me com Marta e Tamires por telefone, nestas ocasiões, trocamos informações, estratégias e métodos de aplicação das tutorias acadêmicas. Marta me relata que, logo que entrou no NAI, uma moça comparou, metaforicamente, as tutorias ao movimento do elástico: as vezes ela puxava o elástico, ou seja, cobrava mais da tutorada com exercícios e na escrita de trabalhos. Caso visse que o desafio estava muito grande, ela retornava e aliviava um pouco o desafio proposto. Portanto, o elástico não pode ser rompido, pelo desgaste da tutoria, que poderia ainda levar à perda do/a amigo/a, parceiro/a de estudos e também da tutoria. Susane, em uma das reuniões, comentou o mesmo. Assim quando se encaixa no assunto, usamos a metáfora do elástico para relatar as tutorias.

## **2.2- Tutoras e Tutores “são o NAI”:**

Patrice Schuch (2018), ao analisar os sentidos das “políticas da inclusão” e suas ambiguidades, chama a atenção para o risco de mecanismos repressivos nos processos de inclusão-exclusão, demonstrando a sutileza das formas de exercício de poder nesta dinâmica.

Atentos a este aspecto, as reuniões de tutoria sempre preveem um momento para que os tutores comuniquem seus anseios, compartilhem suas dúvidas, sugestões ou questões relativas aos aspectos relacionais com tutorandos/as. Em meio aos encontros e relatos que presenciei, as falas carregavam muitos questionamentos em relação à própria deficiência, assim como à complexidade de nos colocarmos na posição do outro - condição fundamental para exercer a tutoria. Os problemas relatados emergem de um sistema de ensino ainda com limitações, não projetado para inclusão, onde a entrada de estudantes deficientes é assistida, mas a sua permanência ainda necessita ser melhor garantida pelas Universidades (FURLAN; RIBEIRO; 2015).

Tamires, em um de nossos encontros, comenta, preocupada, que se sente despreparada para as questões de seu tutorado, já que ambos são de cursos diferentes. Ela não possui bons conhecimentos a respeito do curso dele, e ele rejeita as soluções que ela propôs, relativas ao uso da tecnologia acessível, como utilizar o software de leitura de cálculos desenvolvido para deficientes visuais, que analisa os cálculos e os transcreve em voz. Ela acredita que o motivo de sua resistência seja seu sentido de constrangimento perante os colegas de classe.

Marta acha sua tutorada inflexível perante o aprendizado dos conteúdos propostos pelos professores/as. Segundo Marta, ela acredita que a tutora tenha que lhe ensinar esses conteúdos, o que não corresponderia ao seu papel no Programa de Tutoria.

Susane na reunião de setembro, onde esses problemas foram relatados, comenta que os tutores não são professores/as e que, se tiverem dúvidas e questionamentos acerca de conteúdo, elas devem ser solucionadas em sala de aula, em discussões entre colegas. As respectivas repercussões devem ser resolvidas pelos/as tutorados, sem intromissão das/os tutoras/es, quando estiverem fora do alcance destes.

Susane explica que os/as tutores/as são parte do NAI e que nos casos de necessidade de repasse de informações, podem falar em nome deste Núcleo. Sua fala é compreensível quando se observa o número diminuto de pessoas que trabalham no SAEE: cerca de sete – o que é insuficiente para abranger todas as pessoas em tutoria e seus respectivos tutores/as. Há ainda os que não possuem tutoria, mas requerem atendimento especializado. Portanto, Susane comenta que as tutoras/es são as “ramificações” do NAI, no sentido de constituírem seu prolongamento na UFPel.

A ideia de ramificação usada pela servidora remete-nos à noção de rizoma, cunhada por Guattari & Deleuze (1980, p.31), o qual “não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda”. Percebe-se aí o modo pelo qual se reconhece a luta e demandas de deficientes, as quais “crescem” e se propagam através dos tutores/as, já que o conhecimento atravessa barreiras, “trasborda”, chegando a lugares não compreendidos pelo

NAI. Assim a atuação de cada tutor/ra do NAI difunde-se de modo rizomático, contemplando a causa mais ampla da deficiência, inclusive para além do ambiente institucional, espalhando-se pelas residências, círculos de amizades, modos de aquisição do conhecimento, com base na experiência de trocas e colaboração vivida na relação com os outros.

As tutoras e tutores do NAI “são” o próprio Núcleo, segundo Susane, e a ele representam nos mais diversos casos que envolvem as suas tutorias. Eles/as possuem contato direto com professores, coordenadores, além de amplo acesso às aulas e seus conteúdos. Ela acredita que o reconhecimento das/os tutoras/as perante os colegiados de cursos de graduação é de grande utilidade, no caso de haver algum problema com docentes ou problemas que envolvam as coordenadorias de cursos. Para que ocorra este auxílio, é necessário que estes encontros sejam primados pela ética.

A preocupação dos tutores/as com seus/as respectivos/as tutorados/as são recorrentes nas reuniões, como é observável durante a fala de Marta e Tamires. O fato de não conhecerem a maioria dos professores/as dos cursos de seus/as tutorados/as e não conseguirem acompanhar as dinâmicas das salas de aula, implica em recorrerem aos coordenadores de curso, os quais tem se mostrado solícitos/as em questões de acessibilidade e inclusão.

Miriam Ferrari e Marie Sekkel (2007) me auxiliam aqui a pensar que desde seu ingresso no curso superior, um estudante deficiente possui dificuldades de relacionamento, e que o mesmo se aplica no Programa de Tutorias Acadêmicas. Efetivamente, os tutorados podem ter diversas dificuldades durante seu percurso acadêmico – reflexo de um sistema de ensino falho, não preparado para inclusão destes estudantes. Neste contexto, a tutoria acadêmica entre pares auxilia os/as alunos/as a enfrentarem as situações de fragilidade, contribuindo para a ampliação dos estudos e das aprendizagens, bem como para a mediação de relações na universidade.

Portanto o NAI e os Tutore/as encontram-se entre os processos de acessibilidade e inclusão, já que complementam a assistência à entrada dos estudantes na universidade, garantindo acesso às salas de aula, ao conteúdo interativo, à participação em eventos acadêmicos, etc. Através do Programa de

Tutorias Acadêmicas entre Pares, eles/as garantem a permanência destes estudantes, auxiliando com estudos, tarefas, contato com professores e coordenação de curso, buscando uma Universidade acessível e inclusiva para todos/as.

## **CAPITULO 3**

### **O Ato de Desenhar e Refletir**

Conforme Aina Azevedo (2016) o ato de desenhar não é novo para a Antropologia, mas tem sua história pouco conhecida na área. Sua menção, por vezes é mal interpretada e condicionada aos desenhos realizados em campo como se eles tivessem a capacidade de objetivar os dados empíricos apresentados – o que foge ao meu propósito. Trata-se, isso sim, de um instrumento para pensar e fazer antropologia, do qual me sirvo nessa etnografia como forma de melhor compreender as questões relacionais da pesquisa de campo, assim como a construção de narrativas dos interlocutores e percepções acerca do encontro etnográfico.

Para além da contribuição em termos da reflexão sobre as relações estabelecidas em campo com minhas interlocutoras, os desenhos, aqui, são usados também como forma de apresentação da etnografia aos leitores/as. A pedido de Susane, incorporei às imagens legendas descritivas com o objetivo de contribuir para sua acessibilidade junto a pessoas com deficiência visual.

### 3.1 A Relação entre Desenho e Campo etnográfico:



Figura 2- Desenho da reunião de formação de tutores acadêmicos: em agosto, desenho aquarelado que retrata nove indivíduos ao redor de uma mesa, seis na própria mesa e três em um local próximo, com características diferentes, ao redor de uma mesa, em um local pequeno, mas privado, com painéis nas paredes e uma estante de livros a esquerda.



Figura 3- Desenho de conversa com interlocutoras: Desenho colorido com aquarela. Há 3 pessoas conversando, na esquerda, eu (Felipe), no meio, Marta e, à direita, Tamires. Nos balões de diálogos: “NAI, tutoria”; no de Marta: “conflito, organizar”, e no de Tamires: “compreender, amizade e acessibilidade”. Ao fundo possui uma janela, com árvores e um fundo azul, e atrás de nós há cadeiras, visto que estávamos em um corredor conversando.

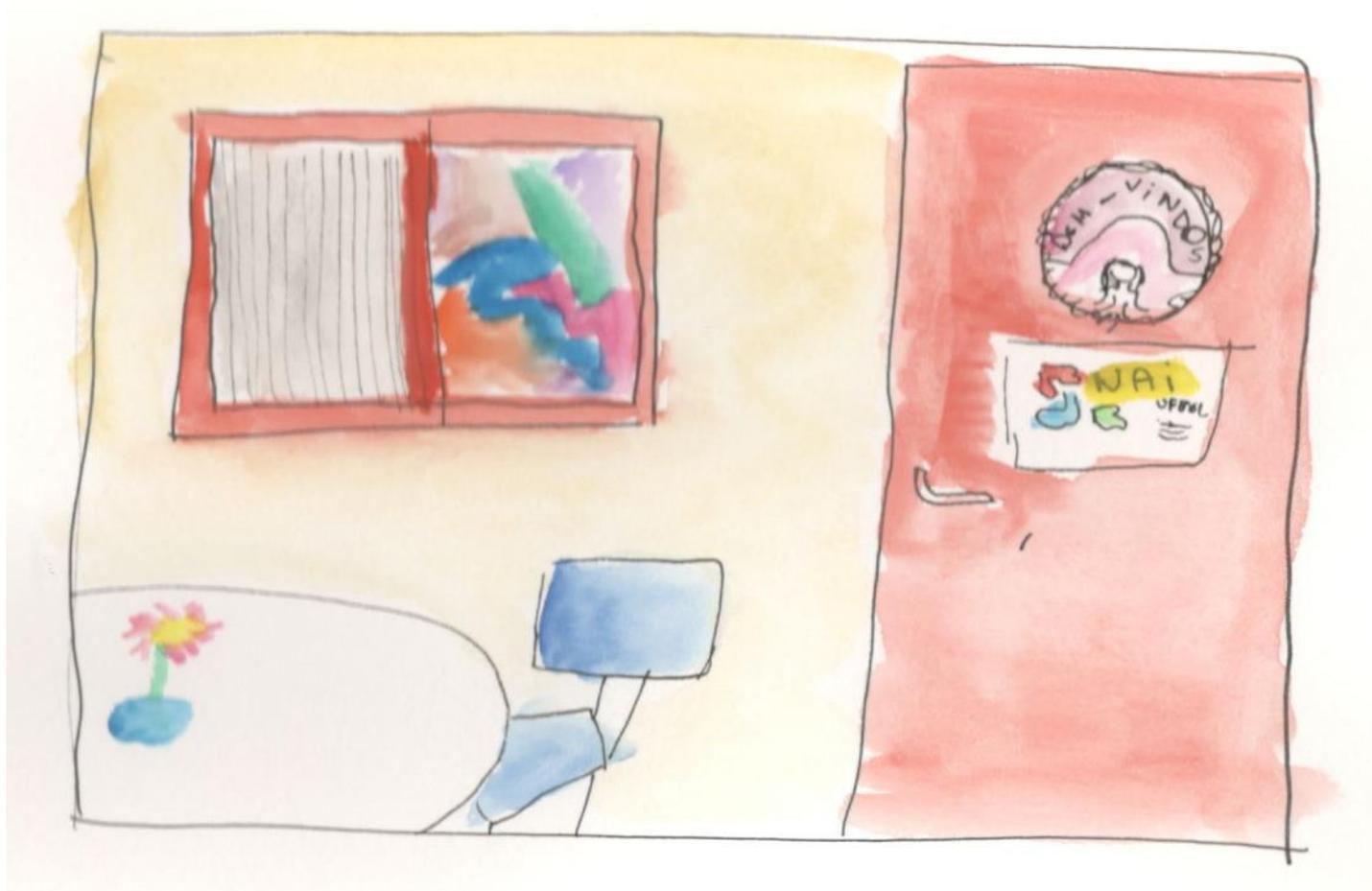


Figura 4- Desenho da fachada do NAI: Imagem em aquarela, esse desenho representa a porta de entrada vermelha no NAI, que possui, uma janela em seu lado também vermelha, com vidro frisado, na sua frente existe uma mesa com cadeira azul e um vaso com uma flor de plástico, em cima da mesa. Na porta existe uma placa sinalizando o NAI e uma placa de bem-vindos, com uma boneca pendurada. Dentro da janela não é possível enxergar, há um apanhado de cores representando o subjetivo dos encontros que ocorrem lá dentro, como se fosse um mundo à parte, dentro do nosso.

No II e III Congresso de Ensino de Graduação UFPel, baseado em minhas experiências acadêmicas, apresentei trabalhos (SOUSA; RODRIGUES; MAGNI, 2016 e SOUSA; MAGNI, 2017) que buscaram refletir sobre a importância do desenho na produção antropológica. Através desta técnica associada ao método etnográfico, me indaguei sobre o emprego desta prática em termos de construção de narrativas e de percepções do encontro com minhas interlocutoras.

Karina Kuschinir (2014), em suas pesquisas sobre a cidade, mostra como o foco do desenho para Antropologia consiste no aprimoramento de uma habilidade “visual” e não, necessariamente manual. Ou seja, a ênfase não recai propriamente no produto final, mas sim no processo de observação e na relação entre o objeto desenhado e aquele que o desenha. Trata-se da busca por uma relação próxima/direta entre aquele que desenha e o que é desenhado. Essa busca, no meu caso, transparece na Figura 2, que foi o primeiro desenho que realizei em campo, no qual busquei compreender as relações que se traçavam nas reuniões de formação para tutores/as NAI.

Desenvolvi o desenho apresentado na figura 3 no início de meus encontros com Marta e Tamires, quando ainda não havia dado início à pesquisa. Fiquei um pouco receoso de mostrar-lhes, mas quando tive coragem, o fiz. Elas riram uma da outra e de mim, e disseram, em tom de brincadeira, que precisavam se arrumar mais para ir às reuniões, pois estavam muito esquisitas, e que, ao invés de prestar atenção no que estávamos conversando, eu estava desenhando. Esse retorno gráfico de minha percepção de nosso encontro descontraíu e fortaleceu minha interação com elas, gerando um diálogo e uma abertura muito interessantes para dar início ao trabalho de campo, inclusive em outros campos e até na relação com os tutorados durante os encontros. A partir daquele dia, me senti mais a vontade para pedir a permissão de utilizar nossos encontros para fins desta pesquisa.

Em 2016, na primeira ocasião em que apresentei um resumo expandido para a Semana Integrada de Ensino Pesquisa e Extensão da Universidade-SIIPE – busquei salientar as potencialidades do desenho, tanto no contato

com as interlocutoras, quanto na captação de informações visuais e ambiências em campo. Atentei para os esforços do exercício antropológico de observar os detalhes da vida, que se tornam banais e naturalizados por serem tão corriqueiros ou que não chamam a atenção por não apresentarem nenhum formato ou presença imponente, mas que evidenciam relações traçadas nestes ambientes.

O desenho da figura 4 busca expressar o que representa o NAI para minhas interlocutoras. Para quem o vê do exterior, trata-se de apenas um espaço a mais da universidade, mas ao ser observado de dentro, apresenta-se, para os seus integrantes, como local diferenciado e acolhedor, onde as pessoas preocupam-se com o próximo. Aqui, a partir de seu ambiente interno, o Núcleo é representado como um mundo paralelo, distinto do ambiente padronizado do meio acadêmico.

### **3.2 O Poder de Desnaturalizar do Desenho:**

Conforme Philip Cabau (2016) como consequência da prática do desenho para fins de elaboração de um diário gráfico, em conjunto com o diário de campo, o desenho auxilia a desnaturalizar o fenômeno observado, por mais familiar que ele se apresente para o observador - e esse foi um requisito metodológico fundamental dessa etnografia, na medida em que foi desenvolvida em um ambiente ao qual pertenço na tripla condição, de estudante, tutor e observador, tal como anunciado na introdução deste trabalho.

Conforme relatei anteriormente, em minha experiência com esta pesquisa, pude verificar o que afirma Cabau (2016): que o desenho se mostra capaz de estabelecer laços com os interlocutores, instigando sua curiosidade e partilha. Em termos éticos, contribui para a participação da comunidade a qual pesquisei, se tornando operativo e propiciando o trabalho etnográfico.

A utilização do desenho me permitiu extrapolar a pretensão de controle e objetividade da escrita científica. Conforme explicita Aina Azevedo (2016), utilizando o desenho, vamos além das dimensões conscientes e racionalizáveis

dos dados empíricos, adentrando o âmbito da intuição e sensível, tão importantes nas relações humanas e, portanto, etnográficas. Para tanto é necessário educar a atenção, captando detalhes, traços e movimentações que passariam despercebidas se não observados com o tempo devido.

Assim, concordo com Kuschinir (2012) sobre o fato da necessidade de aprimorar a percepção de modo geral e, mais precisamente o olhar, sobre o universo empírico, desnaturalizando o modo de ver e conhecer as pessoas, as coisas, os espaços, as práticas e os valores sociais e culturais. Deste modo, é possível ampliar as formas de descrever e grafar o universo de pesquisa, como busco fazer na figura 3, demonstrando as potencialidades do desenho ao ser incorporado durante o trabalho de campo e após, na elaboração dos resultados da pesquisa.

Com sua utilização, enriqueci e diversifiquei meu diário de campo, transformando-o em um diário gráfico, para além do registro textual. Acredito ter conseguido incorporar nesta forma de registro, outros afetos, sensações, impressões que não são estritamente objetivas, nem tampouco meramente subjetivas, mas sim extensivas ao modo de observar, conhecer e me relacionar com minhas interlocutoras. Pude, com isso, aprofundar meu conhecimento sobre elas, relacionar-me com os espaços de permanência do universo investigado e compreender as práticas desenvolvidas pelo Programa de Tutorias entre pares do NAI – o que demonstra o potencial do desenho como importante instrumento do teórico-metodológico da etnografia e da reflexão antropológica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu objetivo com esse trabalho foi o de compreender as relações traçadas dentro do Programa de Tutoria Acadêmicas entre Pares do NAI UFPel. Centrei minha abordagem na perspectiva de um dos polos da relação de tutoria – discentes tutores – e na mediação promovida pelo próprio Núcleo. Apresentei aspectos da legislação vigente para acesso de deficientes no ensino superior, assim como sua implementação na UFPel através da estruturação e funcionamento do NAI

Fundamentei o estudo no método etnográfico, recorrendo à etnografia virtual, de modo complementar ao trabalho de campo presencial, onde me inseri enquanto pesquisador, tutor do NAI e aluno da UFPel. Servi-me das técnicas de observação participantes, mas, igualmente, da participação observante e grupo focal, durante as reuniões para formação de tutores/as NAI e em conversas suplementares com colegas tutores.

A prática de desenho durante a investigação foi de enorme auxílio para compreensão do campo, desnaturalização do olhar sobre o universo empírico, problematização do local epistemológico em que me situo nesta etnografia, partilha de momentos lúdicos com as interlocutoras e incorporação destes elementos gráficos na apresentação dos resultados da pesquisa.

E no que se refere ao Programa de Tutorias Acadêmicas NAI UFPel, me parece evidente sua importância para todos os agentes envolvidos, sobretudo para os/as discentes tutorados - que não foram aqui tratados por motivos de ordem ética – mas também para quem se insere diretamente no Programa, como eu, tutor e aluno da universidade. A compreensão do que representa estar entre a Acessibilidade e a Inclusão durante essa pesquisa, mostrou-me caminhos até então não pensados acerca dos significados da Antropologia enquanto Ciência e modo de ser, estar e relacionar-me no mundo.

**REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

AZEVEDO, Aina. Desenho e Antropologia: recuperação histórica e momento atual. Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 5. UFRN. 2016.

BOAS, Franz. Antropologia Cultural. Organização e tradução Celso Castro. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 2004.

CABAU, Philip. Crus e descosidos. Reflexões em torno do ensino do desenho da antropologia. Cadernos de Arte e Antropologia. Vol. 5, No 2 | -1, 33-48.

CARNIEL, Fagner. Agenciar palavras, fabricar sujeitos: sentidos da educação inclusiva no Paraná. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre , v. 24, n. 50, p. 83-116, abr. 2018 .

CICOUREL, Aaron. Teoria e Método em pesquisa de campo In: Desvendando Máscaras Sociais. Livraria Francisco Alves Editora. Rio de Janeiro. 1980.

CLIFFORD, James. A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século xx 3ª edição. UFRJ. Rio de Janeiro. 2008.

DINIZ, Debora. O que é Deficiência. São Paulo. Braziliense. 2007.

FERRARI, Miriam A. L. Dias; SEKKEL, Marie Claire. Educação Inclusiva no Ensino Superior: um novo desafio. USP, São Paulo. 2007.

FERRAZ, Claudia; PORTO, André. Da etnografia virtual à etnografia online: deslocamentos dos estudos qualitativos em rede digital. ANPOCS. Caxambu. 2017.

FORD, Emma. *Beyond Anthropology a level: opening up anthropology education. Teaching Anthropology*, Vol. 6. *Education and Communications Officer, Royal Anthropological Institute*. 2016.

FURLAN, Fabiano; RIBEIRO, Sônia Maria. O Processo de Inclusão no Ensino Superior: encontros e desencontros dos sujeitos que participam deste processo. UFSC, Tubarão. Revista POIÉISIS, V.9, n.16. 2015.

GEERTZ, Clifford. Obras e Vidas: o antropólogo como autor. UFRJ, Rio de Janeiro. 3ª edição. 2009.

GUATTARI, Felix e DELEUZE, Gilles. Introdução: Rizoma. In: Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia). Vol. 1. SP: editora 34, 1995.

GUSMAO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia e educação: origens de um diálogo. Cad. CEDES, Campinas , v. 18, n. 43, p. 8-25, Dec. 1997 .

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. Revista Educação. Porto Alegre. 2016.

KUSCHNIR, Karina. Ensinando antropólogos a desenhar. Cadernos de Arte e Antropologia, vol. 3, n. 2, p. 23-46, 2014.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. Abril Cultural. São Paulo. 1984.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. Horizontes antropológicos, Porto Alegre , v. 10, n. 21, p. 41-65, June 2004 .

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir , Escrever. Revista de Antropologia v. 39 nº 1. USP. São Paulo. 1996.

RIFIOTIS, Theophilos. Desafios contemporâneos para a antropologia no ciberespaço: O lugar da técnica. UFSC. Civitas, V.12, Nº 3, p. 566- 578. Porto Alegre. 2012.

SARTORI, Ari. Ensino da Antropologia nos cursos de licenciatura e bacharelado: “o que” ensinam e “como” ensinam. Revista Café com Sociologia. Vol.4, nº2. mai. - jul. 2015.

SCHUCH, Patrice; VICTORA, Ceres Gomes; SILVA, Sergio Baptista da. As políticas de inclusão como problemática de engajamento antropológico. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre , v. 24, n. 50, p. 7-23, abr. 2018 .

SOUSA, Felipe Severo Sabedra; RODRIGUES, Guilherme Rodrigues de; MAGNI, Claudia Turra. Quando O Antropólogo Desenha: Experimentando Outro Olhar Sobre A Etnografia. Trabalho apresentado no II Congresso de Ensino de Graduação UFPel. SIIPE. UFPel. 2016.

SOUSA, Felipe Severo Sabedra; MAGNI, Claudia Turra. Reflexão Sobre A Utilização De Desenho Como Método Etnográfico. Trabalho apresentado no III Congresso de Ensino de Graduação UFPel. SIIEPE. UFPel. 2017.

SOUSA, Felipe Severo Sabedra. ANADON, Susane Barreto. Acadêmicos Com Necessidades Educacionais Especiais Na Ufpel: Observação Participante Da Tutoria Entre Pares Mediada Pelo Núcleo De Acessibilidade E Inclusão. Trabalho apresentado no IV Congresso de Ensino de Graduação UFPel. SIIEPE. UFPel. 2018.

VÍCTORA, Ceres Gomes. Uma Ciência Replicante: a ausência de uma discussão sobre o método, a ética e o discurso. Revista Saúde Social v.20, n.1, p.104-112. São Paulo. 2011.

VILLELA, Jorge Mattar. Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Mana, Rio de Janeiro , v. 8, n. 2, p. 220-222. 2002 .

WACQUANT, Loïc. Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Editora Relume Dumará. Rio de Janeiro. 2002.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2005 [1943].